ANO 10 — Sexta-feira, 20 de Abril de 1917 — (AVENÇA) — Numero 469

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Das vantagens da nossa intervenção na guerra mundial

—(*)—

Defender a independencia e a integridade nacionaes é dever de todas as nações; cumprir os pactos internacionaes é obrigação dos povos dignos e que querem ser respeitados.

A Alemanha, nos seus desvairados projectos de dominio universal, ameaçava a integridade das nossas possessões ultramarinas e a autonomia da metrópole; á Inglaterra ligavam-nos diversos tratados de aliança, prescrevendo ás duas partes contratantes a prestação, em caso de guerra defensiva, de auxilio mutuo.

Nestas circunstancias, e através das mil dificuldades, suscitadas pelo egoismo obtuso, pela cobardia sem pejo, pela politiquice torpe e sem patriotismo e pela espionagem germanica, Portugal fez, no actual conflito internacional, o que devia—em Africa, combateu e está ainda combatendo os alemães; na Europa, enviou um corpo expedicionario de 60:000 homens, alguns dos quaes já entraram em fogo, ao teatro ocidental da guerra, onde em breve cooperarão, ao lado dos francezes, dos inglezes e certamente dos norte-americanos, no definitivo aniquilamento do sinistro banditismo militarista prussiano.

Procedendo assim, desempenhando-se por esta fórma dos seus deveres para consigo e para com a grande nação aliada, ligando a sua sorte á das potencias que pelejam pela Justiça, pela Liberdade e pelo Direito, Portugal honrou-se, dignificou-se, prestigiou-se, porque é pelo cumprimento do dever que as nações se elevam e engrandecem, pelo menos moralmente.

A Belgica do rei Alberto, ensanguentada, devastada, martirisada, brilha nos ceus da historia; a Grecia de Constantino, dúbia, desleal, perplexa, afunda-se na igoominia.

Portugal, mercê do esforço dos seus mais benemeritos filhos, conseguiu evitar a sorte triste da velha Hélada; aos seus já gloriosissimos pergaminhos, está juntando outros, não menos valiosos; afirmando, mai uma vez, o seu direito á vida, marcou, no mundo contemporaneo, o seu logar.

Desta esclarecida linha de conduta, estão derivando e hão-de derivar as mais valiosas consequencias de ordem material e de ordem moral.

Várias teem elas sido e serão; hoje, porêm, queremos referir-nos, apenas, a uma unica: ao movimento que, nas ultimas semanas, se vem acentuando em Espanha, a favor dum estreitamento de relações entre os dois povos peninsulares.

A Espanha, bom é não o esquecer, nunca morreu de amores pelo seu vizinho iberico. Há muitos seculos que nos vem olhando com uma cobiça simulando de desdem. Todos os portuguêses que tenham convivido um tanto intimamente com espanhoes, ou perigrinado por terras castelhanas, poderão ter verificado que um dos ideaes mais queridos de todo o bom espanhol era a unificação politica da Peninsula.

A restauração da nossa independencia, em 1640, trazia-a a Espanha ainda atravessada na garganta; no intimo, continuava a considerar-nos como um povo rebelde e ia acalentando, carinhosamente, a esperança de que um lance do destino nos faria, um dia, recair sob o seu dominio.

A torva, insustavel decadencia que foram os ultimos reinados da dinastia brigantina afervoraram essas aspirações; as agitações dos primeiros anos do regimen republicano reavivaram-lhes o vigor.

A Espanha, de olhos ávidos fitos em nós, esperava... não se esquecendo, no entretanto, de auxiliar, como é sabido, essas agitações. Se foi, até, em terras de Espanha que Couceiro recrutou parte das suas queixotescas hostes, fartamente armadas e municiadas com material bélico fornecido pelos estabelecimentos militares castelhanos...

São factos de ontem. Todos devem recordar-se ainda.

Mas, contra as mais esperançadas expectativas, a Republica, a Republica tão detestada pela malta monarquico-clerical de todas as nações da terra, manteve-se. Efectivou-se a nossa cooperação na guerra europeia.

Demonio! Com um Portugal dignificado e que ámanhã, se preciso fôr, poderá contar com o apoio armado da Inglaterra e de todas as nações que combatem os imperios centraes, não será nada facil meter dente, tanto mais que, como é notorio, o féro leão das Espanhas vem, desde os tempos de Filipe II, padecendo de gráve, e parece que incuravel, cárie dentária, que lhe tem avariado deploravelmente os colmilhos..

Oportuna, pois, além de sensata, uma mudança de face.

E eis a Espanha muito nossa amiga, ei-la a reclamar, anciosa, a amizade de Portugal, a *harmonia iberica*; eis a propria *Correspondencia de España* a proclamar que se deve pôr de parte os ideaes de iberismo, que convém fazer esquecer!

Com este modo de pensar estamos todos—fronteiras a dentro e exceptuando um ou outro escremento monarquico que acaso ainda pense que *antes Afonso XIII que Afonso Costa*, de pleno acôrdo. E, se há mais tempo a Espanha assim tivesse pensado, há mais tempo reinaria na Peninsula a harmonia e a intimidade de relações proprias de povos que mutuamente se apreciam e estimam.

Que seja, pois, bem vinda a *harmonia iberica* e que ela se desentranhe nos muitos e bons frutos que promete.

E, como demonstração das suas vantagens, que a Espanha nos restitua Olivença e seu territorio, que perdemos em 1801, que são, desde então, a nossa *terra irredenta* e que, por lastimavel lapso, o congresso de Viena, em 1815, ao passo que nos obrigava a entregar á França o Guiana, que lhe haviamos conquistado em 1809, deixou ficar nas mãos dos nossos visinhos.

Estão vendo os maus, os torpes portuguêses, que, a todo o transe, combatiam a nossa intervenção no conflito europeu, uma das vantagens, e valiosissima, dessa intervenção?

Se não estão vendo é porque são cégos, ou não querem vêr...

Mas é provavel que estejam vendo.

Pois se eles, que, lançando mão dos mais indignos, dos mais execraveis meios, buscaram, a todo o custo, crear os maximos embaraços a essa intervenção, já a aprovam e, até aplaudem, levando mesmo a desfaçatez ao cumulo de proclamarem que sempre a acharam não só oportuna, mas necessaria!

Suja, repugnante gente, a talassaria sem caracter, nem vergonha, nem principios, nem coerencia...

A LEI DE SEPARAÇÃO

Passa hoje o 6.º aniversário da Lei de Separação, uma das mais importantes do regimen, conhecida até por basilar das novas instituições.

Desrespeitada no maior numero das suas disposições, abandonada por as autoridades, o pouco que dela resultou no seu prestigio e execução, desapareceu, ficando tão sómente o que costuma restar do que se abandona—letra morta que se invocará apenas numa ou noutra ocasião oportuna!

Para nós, que queriamos que o país vivesse como republicano, dentro da Republica, que queriamos que todos os cidadãos, agentes e representantes da autoridade e da lei a cumprissem e respeitassem, este aniversário significa o triste acordar de mais uma esperança que a dureza da realidade aniquilou e ruiu no embate das ambições, das ilegalidades e da desmoralisação que aí campeia acalentada por uns, aplaudida por outros, repudiada pelo maior numero.

Devendo ser para todos os republicanos esta data de intensa alegria, ela sómente nos traz ao espirito a impressão que nos causa a ruina do edificio que nós sonhámos e vimos, magnifico e belo, erguendo-se nos seus largos alicerces e explendido alçado!...

Uma desolação... infelizmente verdadeira.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Reis*.

APEADO!

Até que emfim!

Foi ontem pelo sr. governador civil, dr. Samuel Maia, apeado dos cargos de administrador do concelho e comissario de policia distrital, que ilegalmente estava exercendo com desprestigio das instituições e apezar dos protestos levantados contra semelhante abuso, dizem-nos que desconhecido nas instancias superiores, o sr. Francisco Ferreira da Encarnação.

O adiantado da hora a que recebemos esta noticia não nos permite ser mais extensos, pelo que simplesmente constatâmos o facto que sobremaneira honra a autoridade superior do distrito.

Festas em Maio

—(*)—

Temos ouvido falar, e alguns jornaes já o noticiáram, que o *Club dos Galitos*, patriotica agremiação local, se empenha por a realisação dumas festas de caracter humanitario no proximo mez de Maio, festas que durarão tres dias e de cujo programa fazem parte dois saráus, uma exposição de rosas e... a *Real* procissão de Santa Joana, que pela irmandade de que—se não nos enganamos—ainda é juiz o sr. dr. Joaquim Peixinho, recentemente nomeado pelo ministério da Justiça conservador do Registo Civil, será posta na rua este ano com todo o brilho e explendor.

Espera-se a vinda do aplaudido *Orfeon de Condeixa*, que se exibirá no teatro sob a habil regencia do sr. dr. João Antunes e para a exposição das flôres na grande sala do Museu Regional contam os *Galitos* com o concurso de distintos floricultores, alguns dos quais pediram a sua imediata inscrição logo que tiveram conhecimento do projectado certamen.

Todo o produto liquido resultante do pagamento de entradas em recintos vedados, assim como quaesquer outros rendimentos ainda imprevistos, reverterão em favor dos militares de infanteria 24 que regressem mutilados dos campos de batalha e isso basta para impôr á nossa simpatia as festas de maio, muito embora não concordemos com o enxerto da *Real* procissão, impropria da época e sobre tudo dos espiritos jovenís que se empenham em leva-las a efeito com um fim tão altruista.

Quando veem cá novamente os *papoilinhas*? — perguntava o bacharel Joaquim Peixinho, muito senhor das suas *convicções monarquistas*, no orgão progressista onde pontificava em 1909.

E' verdade: quando virão cá os *papoilinhas* felicitar o **correligionario** Joaquim Peixinho, que a troco dum emprego publico acaba de dar a sua adesão á Republica, ao partido evolucionista e... ao sr. Mesquita Carvalho?...

Honra ao soldado português!

Lêmos no *Primeiro de Janeiro*, diário portuense:

As noticias particulares recebidas do norte da França são altamente lisonjeiras para as nossas tropas que, como era de esperar, cumprem nobremente o seu dever.

O distinto oficial aviador Alberto Lelo Portela, em carta dirigida a seu tio o nosso presado amigo sr. Artur Lelo, refere que logo nos primeiros combates em que entraram foram admiraveis de valôr e de entusiasmo na lucta. Esse valôr mais se evidenciou quando um dos nossos ficou ferido: esquecendo situação e posição em que se encontravam e apenas levados pelo ardor de patriotismo e pelo desejo impetuoso dum desforço, quizeram lançar-se para além das trincheiras, sendo necessario que os seus camaradas inglezes os segurassem até pelas pernas, visto que muitos já atingiam o rebordo dessas trincheiras.

Quanto á camaradagem entre portuguêses e inglêses, ela não póde ser mais fraternal, estando todos plenamente identificados e apenas visando o mesmo fim: vingar a afronta alemã aos direitos da humanidade.

O entusiasmo que em todos os peitos deve causar esta pequena descrição do que foi o primeiro recontro com os alemães na linha de fogo!

O POVO DEFENDE-SE

Dizem-nos de Pombal que tendo deliberado um dos procuradores da casa Trigueiros Martel fazer saír para fóra do concelho todo o milho existente nos seus celeiros, o povo tocou os sinos a rebate e, auxiliando a autoridade administrativa, obrigou o referido procurador a vender esse cereal ao municipio, que por sua vez o rateará consoante as necessidades.

Feita esta apreensão legalissima e que decorreu na melhor ordem, o povo deparou, ao acaso, com tres agentes da Companhia dos Fosforos que andavam percorrendo o concelho na faina pouco honrosa de lançar mão dos isqueiros de que os pobres se servem para não gastarem dinheiro em fosforos... sem cabeça e obrigou-os a entregarem imediatamente o produto das multas já aplicadas, a darem vivas á isca, aos acendedores, e gritos de abaixo os monopolios, etc., etc. A manifestação só teve o seu termo quando os pobres diabos retiraram pela via ferrea despedidos de longe com bandeiras amarelas de pura isca.

Como se vê, tudo ás horas.

A Republica pervertida

Resposta ao "Distrito,,

Por dever indeclinavel, atravez de tudo, e como norma de principios imposta a nós mesmo, desde que aqui estâmos na defeza do que, até prova em contrario, julgâmos justo, recto, digno e integralmente republicano, sômos forçados a retorquir a quanto sobre a nomeação do conservador do Registo Civil nos diz o *Distrito de Aveiro* numa argamassa dura e batida de tres colunas de palavras, em tão má hora reunidas, que delas nada se aproveita a não ser o ensejo duma réplica que muitissimo vantajosa embora—franquêza, franquêza—prefeririamos não ter ocasião de a produzir.

A'parte a imerecida e infeliz designação—*Incoerencias do «Democrata»*—com que o articulista batisa em grandes caracteres o famoso artigo anunciado aos quatro ventos com larga antecedencia para despertar o apetite publico, bem disposto a apreciar a explendida *mayonnaise*, o *Distrito* tenta provar que os nossos actos não correspondem ás nossas palavras, reproduzindo para tal fim trechos de artigos insertos nos nossos ultimos numeros e até naquele em que estampavamos o nosso mais alevantado e justissimo protesto contra a imoral nomeação do cavalheiro a quem o snr. ministro da justiça brindou com o logar em questão, apezar de reconhecido inimigo do regimen, como ha bem pouco ainda provou, propondo-se render sob a protecção clara e franca de todos os elementos monarquicos do distrito!

Queria, pois, o autor da famosa teoria do orgão evolucionista, que defendendo e recomendando a união de todos os portuguêses, afirmando que o momento não é para pugnas estereis, rivalidades e discordias politicas, nós aceitassemos, todavia, o cometimento de vergonhosos escandalos, traficancias ignobeis, pactos imoraes como esse que se acaba de praticar, resumido neste dilema simples e claro—despacha-me conservador do Registo Civil, que eu dou-te os meus votos!

Não ha duvida que a teoria é comoda, e agradavel para quem dela gostar; mas certamente qualquer pessoa para que se não alarme a visinhança e esta conheça de um assalto feito á casa, não deixará fugir o ladrão, lembrando-lhe, tranquila e delicadamente, o que ainda ha para levar, indicando-lhe onde estão os valores e pedindo desculpa ao cerrar a porta sem estrondo, se o assalto não correu á medida dos seus desejos... Porque queremos, porque defendemos a necessidade imperiosa da união de todos os portuguêses—vá de sancionar com o nosso silencio toda a casta de tropelias, de veniagas, de repugnantes imoralidades que se pratiquem, porque o momento (só para nós!...) não é para pugnas estereis, rivalidades e discordias politicas!

E'... assombrosa de audacia esta peregrina conclusão!

Demais nós não discutimos a legalidade da nomeação do bacharel Joaquim Peixinho. Discutimos e apreciámos a sua moralidade, o que é bem diferente e não menos distinto. Se o snr. dr. Joaquim

...xinho foi o unico concorrente legal ao logar, se ninguem mais o requereu, se o ministro legalmente despachou bem, se despachou mal, não discutimos nem apreciamos.

Que porêm tal nomeação é imoralissima, que dela resulta a descrença dos velhos e dedicados republicanos na dignidade politica, é rigorosamente verdadeiro e certo, porque sendo para esse logar preferido um antigo adversario da Republica, implicitamente se chega á conclusão de que para os desvergonhados e só para esses ela foi proclamada.

Pois quê? Não seria o ingresso do nomeado nas hostes evolucionistas, o logico e concludente resultado do acordo estabelecido entre Joaquim Peixinho e o ministro, fazendo-o este conservador do Registo Civil e aquele, dando-lhe em troca, os votos da sua lavra? Foi, foi. Ninguem o poderá negar porque estâmos longe de conceber que Joaquim Peixinho num imprevisto acesso de republicanismo, impetuoso, iluminado, rubro, num arrebatamento unico e patriotico, se tivesse convertido ao regimen.

Pretender confundir a verdade dos factos tão publicamente conhecida em toda a sua simplicidade e clareza, chega a ser ridiculo para lhe não chamarmos repugnantemente faccioso.

Pretender negar que a nomeação Peixinho não encerra, não traduz um traço ignobil, e igualdade de indignos cambalachos dos tempos da monarquia, é pôr em duvida os *autenticos milagres* da agua de Lourdes!... Que o despacho foi legalissimo, como diz a articulista do *Distrito*, concordâmos em absoluto; mas que ele foi acima de tudo imoralissimo, hade tambem concordar comnosco o nosso antagonista.

Daqui não ha fugir, mesmo porque o não... permitimos.

Relativamente á violencia cometida em 1911, pelo ministro de então, o proprio autor do Codigo do Registo Civil, *que afastou um antigo republicano, com incontestavel direito ao logar em questão, mercê dos seus serviços á Republica*, acorda o *Distrito* que essa violencia chegou a ter o aplauso das comissões politicas e *que o Democrata, tão devotado aos principios, não ergueu então um brado de protesto contra o sr. dr. Afonso Costa.*

A intervenção do *Democrata* nessa altura só serviria para complicar e agravar ainda mais uma questão que duplamente lamentávamos, pelas pessoas nela implicadas e pela sua inoportunidade, atendendo á recente existencia do regimen. Não quizemos concorrer, portanto, para baralhar o que bastante baralhado já andava; antes, pessoalmente, emitimos a nossa opinião conciliadora, pronunciando-nos abertamente sobre o assunto.

Entendemos que seria de ouro o silencio do *Democrata* nessa ocasião e o silencio fez-se, só por isso.

Mal pensariamos, porêm, que tão correcto procedimento nos seria hoje levado á conta de incoerencia, de deslealdade, tudo em defeza e louvor de um acto que o mais rudimentar principio e parcela de bom senso mandavam não discutir, sem procuração e sem proveito.

Mas o orgão evolucionista tudo justifica e por tudo justificar até aponta incoerencias, que nunca existiram, confundindo e fingindo não perceber as nossas palavras, aliás escritas com toda a clareza e sem quaesquer intuitos de reserva.

Todavia, e que não tem justificação possivel, são as lanças quebradas em defeza de actos que não nobilitam nem homens, nem partidos, nem agraciados, nem ministros; lanças quebradas especialmente por quem deveria continuar a afirmar-se integro republicano, sem mistura com criaturas que de republicanas só teem... o estomago.

Por seu proprio interesse e porque... ninguem lh'o agradece, antes pelo contrario...

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

UMA GALERIA INTERESSANTE

—(*)—

O novo jornal "A Manhã,, e os militares portuguêses no campo da batalha

A Manhã, novo diário republicano sob a direcção de Mayer Garção, iniciou ha dias a publicação de uma interessantissima galeria de optimos retratos dos militares portuguêses nos campos de batalha.

Abriu a serie o general Tamagnini, seguindo-se o tenente aviador Antonio Maia e proseguindo todos os dias aquele jornal a inserção de um ou mais retratos, em que não haverá distinções, pois que na curiosa galeria figurarão não só os oficiaes como os sargentos e praças que estão honrando o nome português em França.

A sua venda tem-se por isso multiplicado, atendendo mesmo a que *A Manhã* é hoje um dos melhores jornaes politicos do país.

Desfazendo carrapatas

Estiveram ontem nesta cidade, onde vieram entender-se com a autoridade superior do distrito por causa da recente nomeação do regedor para Pinheiro da Bemposta, os srs. Francisco Alves Martins, José Marques da Silva Ferreira, Abilio Henriques Martins, Carlos da Silva Santos e Antonio Henriques Martins, que, depois de terem conferenciado com o snr. dr. Samuel Maia, retiraram satisfeitos pela fórma como foram recebidos e atendidas as suas reclamações.

Edificio dos correios

—(*)—

O conselho de ministros aprovou o contracto para a construção do edificio destinado aos serviços dos correios e telegrafos, de Braga, do qual é adjucatario o snr. Domingos Afonso, e ordenou que se dê quanto antes começo áquela construção.

O projecto constitue obra verdadeiramente grandiosa e pertence ao engenheiro Henriques, em serviço na Direcção Geral dos Correios.

Lemos isto em vários jornaes do país e perguntâmos se, havendo dinheiro e quem se interesse por uma edificação da natureza daquela que Braga vai possuir para os serviços tel grafo-postaes, não existe uma alma caridosa, dentro ou fóra desta cidade, que consiga a modificação, ao menos, dessa vergonha que entre nós existe com a pomposa designação de Repartição dos Correios e Telegrafos.

Segundo nos consta, projecta-se sobre o que está a construção de um segundo andar, ligeiro, em vista das paredes existentes oferecerem pouca resistencia e a isso se limitam as grandes obras transformadoras, resultado de anos consecutivos de reclamações! Deste projecto resulta que, sendo o réz do chão pouco mais de um acanhado corredor, outro corredor será construido superiormente, sem havendo nem satisfação ás necessidades imperiosas exigidas pelo desenvolvimento crescente dos serviços.

Para uma obra regular e economica bastaria que o Governo, incorporando ao edificio a parte onde funcionam as conservatórias dos registos predial e civil, por sua vez desgraçada e vergonhosamente instaladas, fizesse de tudo uma só repartição onde se podesse estar com a comodidade, espaço e aceio indispensaveis.

O que está ai irrisoriamente funcionando é uma autentica vergonha e uma prova inconfundivel do maior abandono e desprezo a que chegaram as coisas da terra.

Porque não representam a Câmara Municipal e a Associação Comercial á Administração Geral dos Correios sobre este momentoso assunto?

O sr. engenheiro encarregado da fiscalização e obras dos correios e telegrafos do país, por certo concordará com a ideia apresentada e que até ele deve e póde ser levada pelas colectividades que representam o sentir da cidade e em nome das suas exigencias falem.

Da maxima importancia é não abandonar este momento propicio para a satisfação duma das maiores e mais urgentes necessidades ha tanto inutilmente reclamada.

Semeando a discordia

—(*)—

O paroco de Requeixo, ao que parece, não atentou bem nos motivos que levaram o seu antecessor a saír da freguezia. Não atentou e a sua tacanhez de espirito é tanta que lhe não permite vêr o erro que comete com as suas estupidas exigencias, mórmente no que toca a coisas da religião de que se diz ministro.

Este facto para amostra: no logar de Mamodeiro faleceu um pobre homem que vivia de esmolas e que á caridade deveu a vida até ao momento de a perder no meio da miséria, abandonado, esqueletico de fome, quasi hirto de frio. Humanitarios visinhos dão os indispensaveis passos para o enterramento do cadaver segundo os usos da freguezia e no fim procuram o paroco de quem solicitam a competente encomendação e acompanhamento ao cemiterio. Tiveram, porêm, uma grande decepção: o prior, pretextando que o infeliz não se confessava havia dois ou tres anos, recusa-se formalmente a prestar-lhe as homenagens funebres da igreja, e, escudado nesse proposito, nada o demove a mudar de resolução.

Ah! Mas nem por isso o pobre, o desgraçado, o indigente deixou de ter quem o fôsse levar e acompanhar á ultima morada. Espalhando-se depressa a resposta do prior logo uns poucos de estimaveis cidadãos, dentro os quais destacaremos Manuel Francisco Braz, regedor da freguezia, Claudio Portugal, José Ferreira Canha e José de Barros, se propozeram honrar a memoria do infeliz numa manifestação civil, que, vindo a realizar-se ás 11 horas de segunda-feira com o concurso duma banda de musica, expressamente contratada para esse fim, resultou grandiosa pela quantidade de pessoas que a ela se associaram, assistiram ao enterramento e ouviram o nosso director, junto da campa do desventurado, verberar com veemencia o procedimento do padre, como lhe fôra pedido instantemente, alta madrugada, sem que podesse recusar o convite.

Com efeito, o reverendo nada ha que o desculpe. Se em vez dum indigente se tratasse de pessoa abastada ou com dinheiro pelo menos para lhe pagar as passadas e o latim gasto na encomendação, estamos em crêr que não seria o extravagante pastor tão zeloso dos seus deveres que obstinadamente deixasse de concorrer para a salvação duma alma com todo o direito a entrar no céo, mesmo sem meia duzia de confissões, acorrendo com toda a dignidade sacerdotal a prestar-lhe o auxilio que, em ultima instancia, era solicitado. Mas entendeu o prior de Requeixo que, procedendo da maneira como acabamos de narrar a sua triste e miseranda recusa em acompanhar á cova um paroquiano, que mendigou para viver, fez o que devia, tornando-se credor da estima publica. Se assim pensa, é bruto. E como de brutos está o mundo cheio, segue-se que não seremos nós quem o demova a enveredar por outro caminho, que é para o povo conhecer melhor dos sentimentos de certos tonsurados, avaliando-os pelos seus actos e certas maneiras de pôr constantemente em fóco a sua certêsa de vistas quanto á fórma de exercer a missão que se propozeram desempenhar em beneficio da Igreja Catolica.

Mamodeiro marcou na segunda-feira um dia que deve ficar assinalado, porque representa o primeiro passo para a emancipação desse laborioso povo e consequente triunfo da liberdade de pensamento.

Regosijâmo-nos com isso, orgulhosos de alguma coisa termos contribuido tambem para o almejado fim.

Coisas nossas...

A folha oficial autorisou o sr. dr. Eugenio Augusto Rodrigues Valente, notario interino em Grijó, Porto, a, interinamente tambem, exercer identico logar em Aveiro, em substituição do bacharel Joaquim Peixinho.

Uma interinidade pegada...

O "Desertas,,

Por se ter efectuado a sua venda em Lisboa, venda que provocou alguns protestos por não ter sido devidamente anunciada, parece que vão principiar dentro em bréve os trabalhos para aproveitamento do casco do grande vapor, como se sabe, todo de ferro e no valor de milhares de escudos.

O numero de visitantes que teem afluido á Costa Nova para o vêrem, principalmente ao domingo, aumentou apenas o tempo começou de permitir esse magnifico passeio.

Recreio Artistico

Desta prestante colectividade local recebemos as contas das festas realizadas por ocasião do seu aniversário, em 18 e 19 de março, e cujo produto se destina ás familias pobres dos soldados aveirenses mobilisados, bela obra de assistencia que mais uma vez temos ensejo de aplaudir, não regateando louvôres aos que a promoveram.

Na impossibilidade de, por absoluta escacez de espaço, publicarmos, como nos é solicitado, o mapa da receita e despêsa, aqui deixamos no entretanto consignado qual o produto liquido dessas festas, que a cidade acolheu com simpatia, concorrendo para a elevação da cifra a 396$24,5.

Sabemos que para a importancia de 26$87, produto da venda da flôr na rua, concorreram o *Club dos Galitos* com 10$00, o *Colégio da Senhora da Conceição* com 6$70 e o *Recreio Artistico* com 15$00.

A Direcção do Teatro Aveirense tambem abateu na sua conta a quantia de 15$00, havendo ainda outras esportulas de valor e bastante auxilio para o fim que o *Recreio Artistico* teve em vista, e que tão merecedor é dos nossos encomios.

Notas mundanas

No rapido de domingo partiu com destino a Tancos onde foi reunir se á sua unidade, que por estes dias deve seguir para França, o nosso estimado conterraneo e amigo, dr. José Vieira Gamélas.

Na gare encontrava-se um numeroso grupo de pessoas das suas relações, que tendo conhecimento do embarque ali quizeram levar-lhe as suas despedidas e os votos ardentes de mil venturas, que bem merece, assim como o desejo intimo dum regresso bréve e feliz.

Exprimindo ao brioso militar os mesmos votos, daqui o abraçâmos já que uma inesperada contrariedade nos impossibilitou de comparecermos tambem na estação.

✠ *Fez no domingo anos, pelo que o felicitâmos, o nosso velho amigo, dr. João de Mélo, secretário particular do sr. Governador Civil de Lisboa.*

✠ *Com o alferes de cavalaria, sr. Alvaro Faria Machado Pinto Roby, consorciou se na quarta-feira a sr.ª D. Maria do Céo Couceiro da Guerra Santa Clara, gentil filha do capitão-picador, sr. Frederico Augusto Santa Clara, ha anos residente nesta cidade.*

Paraninfaram o pai da noiva, sua irmã, a sr.ª D. Camila Guilhermina Couceiro Guerra Barros e o sr. Jorge Rodolfo Teixeira Campos, capitão de cavalaria e sua esposa, a sr.ª D. Maria Ana Cabral Guedes Campos.

Os noivos partiram para Braga, onde contam passar a lua de mel.

✠ *Tem estado gravemente enfermo o sr. dr. Joaquim Manuel Ruela, antigo advogado e contador da comarca.*

✠ *Egualmente guarda o leito por se lhe terem agravado os seus sofrimentos asmaticos, o sr. dr. Martins Manso, juiz auditor.*

✠ *Vimos ontem nesta cidade o sr. Manuel Simões de Oliveira, do Paço.*

"Historia da Guerra Europeia,,

A *Casa Gonçalves*, de Lisboa, pôz agora á venda o tômo n.º 34 da *Historia da Guerra Europeia*, publicação habilmente elaborada e de relativo luxo para o diminuto preço de 5 centavos cada 32 paginas.

Este tômo insere o *Diario da Guerra* de 1 a 31 de Julho de 1916 e as seguintes gravuras: Grupo de soldados francêses cégos, acompanhados de sua enfermeira —O imperador da Alemanha e os seus dois filhos—Ruinas da cidade de Louvain—Hidroplano de vigia has costas inglezas, afim de prevenir os ataques dos aviões inimigos.

Não se póde exigir mais. E' uma obra ao alcance de todas as bolsas, ilustrada, interessante, educativa e de flagrante actualidade, digna portanto de ser adquirida por todos a quantos a guerra interessa.

Notas falsas

Ainda que em pequena quantidade, consta terem aparecido ultimamente em circulação algumas notas falsas de 50$00, sendo portanto de alta vantagem que o publico as examine antes de as receber.

A falsificação é bastante imperfeita, pelo que se torna facilimo distingui-las das verdadeiras.

Por Arouca

—=(*)=—

Recebemos do importante conselho deste distrito a carta e o documento que seguem:

... Sr. Arnaldo Ribeiro, ilustre director do *Democrata*
Aveiro

Para os devidos efeitos comunico a V. que abandonei a actividade politica local desde 14 de janeiro proximo passado, tendo nesse mesmo dia pedido a demissão de presidente da Comissão Paroquial desta freguezia, por ter reconhecido que não é dispensada aos correligionarios a protecção a que tinham direito.

Eu que tanto me tenho sacrificado pela Republica desde o tempo em que ser-se republicano era um crime; eu que tenho sido sempre vitima da reacção local, é com intensa mágoa que vejo, a perto de 7 anos de regimen republicano, a escandalosa protecção que é dispensada pelos dirigentes da Republica aos mais encarniçados inimigos das instituições.

Nunca, nos saudosos tempos da propaganda, nos passou, sequer, pela mente que, implantado um dia o regimen porque lutávamos, haviam de ser os mesmos caciques da nefasta monarquia que mandariam, empregando os mesmos processos de então. O desânimo entre os velhos republicanos é geral e se V. os escutasse dar-lhes-ia razão. Continuando como até aqui a serem vexados, abandonarão a politica.

Não é só neste distrito que o partido Democratico está perdendo os seus melhores elementos: por esse país fóra eles estão saindo das fileiras do velho partido republicano, completamente desiludidos.

Incluso remeto a V. copia da acta da ultima reunião da Comissão Paroquial Politica, pela qual verá que o secretario da Comissão se solidarisou comigo, demetindo-se do cargo que tão inteligentemente desempenhava. Ficou somente na efectividade o vogal Ferreira Junior, que sendo republicano *béra*, acha que tudo vai bem.

A Republica, continuando a trilhar o mesmo caminho, em breve estará nas mãos dos seus mais ferozes inimigos.

Saúde e Fraternidade

Arouca, 11 de abril de 1917.

Henrique de Almeida Cardoso

* * *

Aos catorze dias do mês de janeiro de mil novecentos e dezaseis, reuniu a Comissão Paroquial Republicana de S. Bartolomeu, sob a presidencia do cidadão Henrique de Almeida Cardoso, achando-se presentes os cidadãos José Francisco Ferreira Junior e Antonio Augusto Teixeira de Souza, secretario. Aberta a sessão, pelo cidadão presidente foi dito que tinha convocado esta reunião para dar conhecimento aos seus colegas do seu proposito de abandonar a actividade politica local, visto ter reconhecido que os trabalhos das Comissões são infrutiferos e que não é pelos dirigentes politicos dispensada aos correligionarios a protecção a que tinham direito. Tinha-se sacrificado pela politica, como todos sabiam, tendo sido sempre odiado e perseguido pela reacção local, sem contudo essa reacção o ter feito vacilar na campanha que, com orgulho, tinha encetado em auxilio dos dirigentes partidarios, confiado em que na ocasião oportuna, esses dirigentes lhe reconheceriam os sacrificios feitos, colocando-se ao lado dele. Infelizmente a realidade demonstrou-lhe que não passava de uma ilusão o seu modo de pensar, resolvendo por esse facto, apresentar o seu pedido de demissão de presidente desta Comissão.

O cidadão Antonio Augusto Teixeira de Souza, usando da palavra, declarou sentir a resolução do cidadão presidente por reconhecer nele um dedicado correligionario e activo propagandista da ideia republicana. Admira-lhe as qualidades de audaz combatente e solidarisa-se com o seu pedido de demissão, por reconhecer tambem, que não deve continuar a desempenhar um cargo a dentro das organisações partidarias, quando elas não pódem cumprir a missão para que foram eleitas. Aponta em seguida vários casos que o teem desgostado, salientando a pouca confiança que parece haver da parte dos dirigentes para com os membros desta Comissão.

O vogal cidadão Ferreira Junior, declarou que reconhecia tambem a justiça que assistia ao cidadão presidente, mas que não podia ser solidario no pedido de demissão, como desejava, porque, como todos sabiam, ha particularidades que a isso o impedem. Terminou por manifestar o seu desgosto pela orientação politica local, salientando o caso do zelador municipal em que lhe reconhecia a ilegalidade da nomeação, tendo, para evitar essa nomeação, gasto algum dinheiro em documentos que julgava necessarios, contando com os dirigentes do partido para o auxiliarem na campanha que tinha começado, para assim evitar que um inimigo das instituições podesse ocupar um logar publico. Reconheceu mais tarde que tudo tinha sido inutil porque lhe faltou o auxilio com que contava e era com desgosto que via os republicanos de sempre serem esquecidos, para dar logar aos que são monarquicos reconhecidos.

Por fim foi resolvido que o cidadão secretario oficiasse ao presidente da Comissão Municipal, comunicando-lhe as resoluções tomadas, sendo encerrada a sessão.

Lamentâmos a resolução tomada pelo sr. Henrique de Almeida Cardoso. Mas como a velha guarda republicana ainda tem de acorrer ao toque de unir fileiras, esperamos que nesse dia todos os desanimos tenham passado e apareça com decisão a colaborar na obra de saneamento que se prepara para salvar a Republica.

Porque decididamente isto que para aí está tem de ter um fim.

A SEMANA SANTA
EM
Albergaria

—=(*)=—

Recortâmos da *Democracia do Vouga*, que vê a luz da publicidade em Albergaria-a-Velha:

A nossa pena recusa-se a descrever o que nos relatam âcêrca de como decorreu no *pagode* católico—igreja matriz—sob o reclame de *semana santa*, a orgia religiosa. Sujariamos o jornal com tal descrição. Apenas, para que os leitores concluam do resto, pelas entrelinhas, diremos que—foi uma festa obscêna; uma verdadeira *reprize* das bacanais liturgicas dos primitivos pagãos donde a igreja católica copiou a religião que impinge ao mundo catolico.

A semana santa em Albergaria foi a maior das vergonhas, o maior dos escandalos. Mas foi uma bofetada tremenda, vibrada... talvez pela força do destino, nas faces dos carolas desumanos que recusaram a sua cooperação á fundação duma creche, optando—isentos de todo e qualquer sentimento religioso, em protesto ás leis vigentes e como afronta aos liberais—por uma bambochata que, por indecorosa, jámais se apagará da memoria de quem a presenciou.

Se fossemos católicos gritariamos ao bispo da diocese:

Eminentissimo senhor! a igreja está interdicta! Acuda! que até a tunica do Cristo ficou salpicada duma substancia viscosa!...

Comentando a mesma solenidade sob o titulo—*As festas da semana santa*—outro semanário, o *Jornal de Albergaria*, diz:

Enfim, foi uma béla e inolvidavel festa para aqueles que, como nós, tiveram a felicidade de a ela assistir.

Vão lá entende-los.

"Excertos da Mocidade"

—=(*)=—

Está prestes a saír do prélo mais um volume de versos do nosso estimado amigo e apreciavel colaborador Humberto Bêça, o incansavel trabalhador a quem os deveres da sua ardua missão de educador não impedem que dedique alguns momentos, não de ocio, mas de necessidade de variar de trabalho, ás musas, de que é um apaixonado cultor.

Não é, pois, um novo de quem tenhâmos de apresentar uma estreia, mas alguem já conhecido nas letras por anteriores produções do mesmo genero a que Candido de Figueiredo, Lourenço Cayola, Albertina Paraizo e outros se teem referido com elogiosas palavras.

Tanto nos *Sonhos d'Alma* como nos *Azulejos* e especialmente na *Bandeira Portuguêsa*, o nosso colaborador tem-se evidenciado um poeta correcto e delicado, conceito que certamente confirmará na sua nova produção—*Excertos da Mocidade*.

Do volume, cujo texto nos foi dado lêr já e que é dedicado a sua extremosa esposa, snr.ª D. Maria José de Brito, dilecta filha de Alfredo Cezar de Brito, que muitos anos viveu em Aveiro, reproduzimos a mimosa poesia de dedicatoria:

SÓ PARA TI

Só para ti minhas canções veementes,
que para ti só canta a minha lira,
Só para ti, porque só tu as sentes
e a tua dôce imagem m'as inspira.

Só para ti meu estro pobresinho,
que só a ti te canta com calôr,
que só canta com alma o brando ninho
que andâmos a fazer com tanto amôr.

Só para ti minh'alma apaixonada
que eu suponho que já de pequenino
'stá diante da tua ajoelhada
pela força invencivel do destino...

Só para ti meu coração amante
a palpitar no peito alvoroçado,
lembrando-me meu sonho inebriante,
o repicar dos sinos num noivado.

Só para ti o olhar enternecido
dos olhos meus que só dos teus tem luz,
o meu olhar que vai p'ra o teu vencido
qual borbolêta a quem o sol reduz.

Só para ti por quem do berço anceio
meus sônhos juvenis, minhas esp'ranças
que uma a uma — bendita — eu encadeio
em cada nó das tuas negras tranças.

Só para ti a fantasia ardente
do meu imenso amôr; dos meus anhêlos
a gondola embalada brandamente
pelo revolto mar dos teus cabelos.

Só para ti, ó minha dôce amada!
os versos meus que de pedir não canças,
voando para ti em revoada
como voam no céu as pombas mansas.

Só para ti os sonhos meus de gloria;
só para ti as minhas ambições
de erguer tua alma ao pedestal da Historia
para a consagração das multidões.

Só para ti, ó Deia! ó minha Huri!
o meu genio, a minh'alma, a minha vida,
para depôr-te aos pés .. só para ti,
ó minha companheira estremecida!

A chicana

—=(*)=—

Ela vem, como sabem, segundo a palavra do pontifice Littré, da velha Persia. *Tihangan*—chicana, era a raqueta do jogo de malha. Passou para o grego, para o baixo grego, na fórma helenica de *tzikanian*,—a mesma raqueta, para o mesmo jogo. E como o jogo é por vezes susceptivel de maus expedientes; e como o mau expediente é muitas vezes sinonimo de malhar, o termo persa chegou até á lingua portuguêsa feito trapaça e calvario—a trapaça nas formulas juridicas e o calvario das partes e da justiça.

E instalou-se, medrou, tornou-se forte como um imperio, e nociva como uma epidémia.

No dia em que fôsse possivel esmaga-la, expulsando-a dos tribunaes como a mais comprometedora das suas fraquezas, no dia em que fôsse possivel arranca-la dos pés da justiça, que devia ser pura como uma vestal e nobre como uma espada, a sociedade portuguêsa podia de facto e de direito respirar com tranquilidade e com desafogo.

Assim, sob o arbitrio da chicana, miseravel, venal, vesga, escondendo-se, insinuando-se, mordendo-se, envenenando, destruindo, o ambiente pesa e não ha oxigenio que nos sacie a sêde de respirar.

Recordo-me bem dela, da época em que advogava. Muitas vezes vi fugirem dos tribunaes clientes apavorados. Porque não tinham por eles a verdade documentada e a letra expressa dos codigos? Porque não tinham a estimula-los a consciencia inflexivel dos juizes? De maneira nenhuma. Fugiam—porque não se sentiam com coragem para afrontar a lucta surda da chicana.

Que importa que estejam comnosco os principios legaes e a sentença dos juizes—que nós, lesados nos nossos interesses, feridos na nossa vida, provemos e definâmos o nosso direito? Com meia folha de papel sêlado, duas testimunhas e uma artimanha—os principios legaes e a sentença dos juizes tornam-se quantidades quasi platonicas. E, com o tempo e a habilidade, ou cáem por terra, ou chegam-nos ás mãos quando já nem força temos para as receber. Estamos desalentados e exaustos. Estamos amarfanhados e dispepticos—atacados duma dispepsia moral que nos sacode de engulhos sempre que ao nosso lado se fale na soberana magestade da lei.

E se fôrmos a avaliar o caso sob o aspecto economico, verificamos esta verdade amarga -é que, se nos tinhamos confiado á intangibilidade da justiça para exigir cem, ao recebe-los temos dispendido cento e cincoenta! Perdemos tempo, paciencia, energias e dinheiro. E o que é mais, mais grave e desorganisador, mais triste e alarmante—é perdemos a confiança naquilo que devia constituir a garantia suprema do equilibrio da nossa vida social.

Não é possivel desenraiza-la dos costumes juridicos—afirma-se com frequencia. Era, sim. Se os legisladores quizéssem—opondo-lhe o esforço de formulas insofismaveis e prontas. E se á intenção dos legisladores se juntasse a decisão de todos os que julgam, juizes e jurados, contrariando-a sistematicamente, tirando-lhe os recursos conhecidos, rarefazendo-lhe o ar—matando-a pela fome e pela asfixia.

Nessa hora feliz os tribunaes erguer-se-iam á altura de um verdadeiro prestigio. As causas simplificavam-se, mas multiplicavam-se—pelo que, produzindo menos em emolumentos pela sobreposição de questões subsidiarias, produziriam mais, muito mais, pela quantidade. E todos nós, ao recorrermos ás suas sentenças, tinhamos a certeza de que a justiça seria a expressão imediata e fulminante do direito.

Souza Costa

E se o sr. Ministro da Justiça em vez de politica tratasse de reformar o que indispensavel se torna dentro dos tribunaes? Não era bem melhor, sr. Mesquita de Carvalho?

Bom humor

Com data de 7 do corrente recebemos, vindo de França, o seguinte bilhete:

Sr. A. Ribeiro

Chegou-nos aqui ás mãos o jornal *Os Successos* de sábado, 10 de março ultimo, no qual vem uma carta dando conta dum banquete oferecido a um tal sr. Fachada, empregado nos correios, e que está aqui a muitas dezenas de leguas de nós e, portanto, do perigo. Se lêr a carta em questão sucéde-lhe, pela certa, o que nos suceden a nós que ha muito tempo não riamos com tanta vontade. Parece troça!

Chamo a sua atenção para o referido jornal e cá ficâmos esperando os comentarios para rirmos outra vez.

De v. etc.,

M.

Carta do Porto? Subscrita por *Moreno*? Efectivamente tem carradas de pilheria.

Ha correspondentes que são verdadeiros portentos. Esta do amigo Fachada ir prestar os seus *arrojados serviços nos correios e telegrafos de campanha, para o que voluntariamente se ofereceu, mostrando assim a sua denodada coragem*, não ha duvida, parece troça e provoca o riso. Contudo, o mais apreciavel ainda é a tirada a seguir: *Nós, com a nossa optimidade, ficamos fazendo ardentes votos para que no seu regresso venha, ilesamente, tão cheio de gloria, que toda a nossa expansão* (de ele, correspondente) *seja pouca para o levantar aos olhos do mundo, mostrando que ainda ha portuguêses que, atravez de todos os sacrificios, não trepidam em tornar em factos a sua coragem e denodo em prol da Patria que o hade glorificar*, (ao Fachada) *e fazer perdurar o seu altruismo, honrando o seu nome, e o de seus filhos, que se orgulharão da nobrêsa de sentimentos, cujo padrão de gloria lhes legará o arrojado autor dos seus dias.*

Completo. Escusáda era até a declaração do amigo do sr. Fachada, quando diz que tão apropriados elogios foram traçados após *um significativo brindé na festa intima de despedida.*

Nós sabemos. A essa hora já *Moreno* estava mais encarnado que um tomate amadurecido e com certeza marcando uma temperatura regular—ai entre 36 e 38 gráus... á sombra...

Expedicionarios de Africa

Baixou do governo a todos os chefes de distrito do continente e ilhas, uma circular para serem pedidos aos administradores de concelho informes sobre quaes as familias dos militares regressados de Africa desde 1 de fevereiro ultimo, que não disponham de recursos suficientes, afim de, quando seja precario o seu estado de saúde, entrarem no Sanatorio de Agueda.

"A BEIRA"

Assim intitulada, acabam de nos participar a constituição duma nova companhia de seguros, que tem por directores os srs. Amandio Maciel, dr. Fernando de Figueiredo e dr. Mario de Aguiar.

O seu capital é de 750:000$.

CORRESPONDENCIAS

Alquerúbim, 16

A noite passada, muito fria, mimoseou-nos com uma respeitavel camada de neve, que causou pre-

juizos nos batataes e nas vinhas. Em alguns sitios esses prejuizos foram enormes.

=Partiram daqui muitos militares para França, onde vão combater pela defêsa da Liberdade. Voltarão vitoriosos? Oxalá que sim, e que voltem bréve ao seio de suas familias.

=Continuam os dias frios com nortadas que são neve.

Tudo isto é máu para a agricultura.

=Faleceu e sepultou-se ontem, nesta freguezia, Antonio dos Santos, que ha pouco tinha vindo, tuberculoso, do Brazil.

Tinha 27 anos.

C.